



Olhares contemporâneos sobre o Brasil

Rui Torres*

Fundamentação

Os artigos reunidos neste quinto número da Revista Nuestra America, que tive o prazer de organizar a convite da sua Directora, Professora Ana María da Costa Toscano, apresentam olhares cruzados sobre um Brasil múltiplo e diverso. O nosso objectivo foi proporcionar ao leitor uma visão panorâmica do pensamento e da cultura brasileiros, adoptando como, o primeiro critério da organização a multidisciplinaridade das suas abordagens a um país tão rico na sua variedade cultural. Escolhemos por isso ensaios que abordavam o Brasil do ponto de vista do seu pensamento cultural e artístico. O campo de aplicação, em suas mutações e permanentes reformulações, não nos teria permitido mais. a unidade não estava no nosso horizonte. Este volume reúne ensaios que revelam um pensamento em formação e em contínua metamorfose.

Cultura e Comunicação

Começamos com o inventário utópico do Brasil proposto por Paulo Tunhas. Partindo de uma análise de fontes do pensamento brasileiro contemporâneo, o texto defende a cultura brasileira como uma cultura da diversidade, por isso barroca. Recuperando textos sobre o canibalismo, o autor permite-nos iniciar esta viagem ao Brasil tendo como cicereiro o mais desejado dos *outsiders*: Oswald de Andrade. Massimo Canevacci por seu lado, faz o relato etnográfico da metrópole comunicacional em que se transformou São Paulo, analisando e aplicando, em um texto provocativo, tanto formal quanto semanticamente, conceitos de produção, identidade e dialéctica nas mutações da sociedade paulista. Apoiado numa metodologia e conceituação próprias, Canevacci explica o modo como

* Rui Torres é Professor Associado da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, e Conferencista Convidado, na Universidade Nova de Lisboa. Publicou artigos sobre literatura portuguesa e brasileira contemporânea, sendo coordenador de projectos de investigação interdisciplinares entre literatura e informática. Contacto: rtorres@ufp.pt



a metrópole urbana brasileira se situa face ao *bodyscape* e ao *location*, como se articula com os *avatares* e a *sensoralia*.

Ocupando um espaço de escrita cultural conquistada com o texto e as propostas de Massimo Canevacci, uma outra antropóloga, Fernanda Eugenio, explica e retrata a ocupação urbana em contextos de lazer pela população juvenil carioca, reflectindo sobre as modulações subjetivas e tecnológicas envolvidas na composição sempre inacabada e mutante do circuito de lazer noturno conhecido como “cena carioca”. De facto, também aqui a fragmentação, a transversalidade e a heterogeneidade se mostram como conceitos operatórios para avaliar o Brasil, como aliás todos os países contemporâneos. Disjunção como virtualização e estímulo – as subjectividades urbanas passam de novo pela multiplicidade do sensorial e do afectivo. De afectos, mas de outra ordem, também nos fala Otávio Filho. Da sua Bahia, da Bahia de todos os reinos. Mais uma vez de modo transversal, revela-se neste ensaio uma cultura baiana em transformação. Em sintonia com a globalização, analisam-se as mudanças na religião, na arte e no lazer, propondo um olhar crítico mas também ligações novas que quebram as distâncias físicas.

Literatura, Narrativa e Teatro

A obra do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu, na leitura que Luciana Namorato apresenta, é importante por nos fazer pensar numa ordem de discursos que não seja moralizante ou de estigmatização. A secção de Literatura abre, por isso, com um texto que coloca no centro da análise o problema da diferença e da diferenciação. Partindo de uma análise do conto “Depois de agosto”, a autora mostra como a paralisia social e a própria exclusão resultam de uma ordem discursiva que também contém conceitos de ‘alteridade’ e do ‘outro’, desse modo estabelecendo uma ponte entre a análise social (relações coloniais e pós-coloniais, identidade e alteridade) e o registo literário.

Carolin Overhoff Ferreira mostra como o processo de modernização do pensamento brasileiro contemporâneo se reflectiu também na história do seu teatro – e como os problemas do teatro reflectem os do país: modernização de formas, nacionalismo, influência estrangeira, abertura posterior para o mundo. Por seu



lado, Monica Rector, partindo da análise de obras e correspondência com Ary Quitella, faz um retrato do Rio de Janeiro nos anos 1940 e 1950 do século XX. Abordando a geografia humana e social desse ‘paraíso tropical’, Rector explica e conta questões sociais e o modo como elas se cruzam com o cultural e o textual: família, adolescência, sexo e amizade.

Carlos Drummond de Andrade é analisado ao nível das relações que estabelece com linguagens e culturas alheias – e o modo como mantém, dentro desse diálogo de contrastes, uma coerência e uma voz. Maria do Carmo Castelo Branco repensa deste modo o lugar de Drummond na poesia moderna Brasileira, mas também o seu espaço dentro do contexto global da lusofonia. Assim, a tensão aqui observada serve para reforçar esse delicado equilíbrio mantido entre a aspiração à mudança e a identidade, entre a abertura ao mundo e a necessidade de respeitar a localidade.

Outras Artes

Lucia Santaella presenteia-nos com um trabalho sobre as manifestações, no Brasil, das chamadas artes do corpo biocibernético. Partindo de uma análise teórica acerca do lugar do corpo humano em diversas regiões do pensamento crítico, a autora reflecte sobre as novas formações culturais que a era digital propicia. Assim, retomando discussões anteriores sobre processos de corporificação e simbiose entre o corpo e máquina, Santaella contribui para o mapeamento das práticas artísticas brasileiras que tomam a simulação e biotecnologia para expressão de subjetividades.

Numa tónica bem diferente, mas proporcionando certamente imagens de memória cultural, Pedro Moura apresenta um estudo sobre o desenvolvimento da personagem de banda desenhada / quadrinhos Zé Carioca. Além da apresentação criteriosa de todas as histórias e do relato detalhado de publicações e narrativas, Pedro Moura salienta, no seu percurso crítico, a viragem de Sindenberg e Canini. Certo é que se dá conta, com esta leitura (e revisitação, certamente, para todos nós) do tão estereotipado Zé, não apenas do modo como as indústrias Disney assumiriam a tipificação do carioca, mas também das tentativas de Ivan Saindeberg e Renato Canini para transformarem o Zé Carioca de tipificada per-



sonagem em uma personalidade com recorte e profundidade. Assim, a partir de uma apreciação estética da banda desenhada, o autor propõe um conjunto de leituras interpretativas que aproximam esta linguagem, com tanto potencial, no domínio da cultura e das artes.

Crónica

Por fim, a rematar o nosso volume de textos sobre o Brasil, incluímos um texto de Raimundo Ferreira de Vasconcelos e Vasconcelos, “Retratos e Canções do Brasil”. Este artigo contextualiza a música popular brasileira mais recente, apresentando, de um modo apaixonado mas criterioso, os principais cantores, cantoras e canções das últimas décadas. A par deste trabalho, o autor reflecte acerca de questões como pirataria, legislação de direitos de autor e indústria musical em geral, face aos novos desafios da globalização.

Criatividade

Depois dos artigos, publicamos textos inéditos de várias gerações de poetas e escritores brasileiros, que representam bem o espírito da revista: Lêdo Ivo, Carlos Felipe Moisés, Álvaro Cardoso Gomes, Álvaro Alves de Faria, Arnaldo Antunes e Alexandre Bonafi.